

A MIGRAÇÃO NA VISÃO DE JOSÉ SARAMAGO: A QUESTÃO DO MULTICULTURALISMO

MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ

Introdução

ninguém é profeta na sua terra (e na alheia é bastante duvidoso) (SARAMAGO, 2011, p.164)

No início, na origem da humanidade, a troca de experiências era feita de maneira muito lenta ou era até mesmo inexistente. Nômades, os primeiros seres humanos não registravam seus feitos e rotinas, nem reforçavam o aprendizado em como caçar, se proteger de outros animais e se defender entre eles mesmos e de eventos externos, como invernos, escassez de alimentos entre outras alterações climáticas. Após algum tempo, o ser humano primitivo passou a registrar seus saberes nas paredes de sua caverna. Deixou de ser nômade, passou a cultivar frutas, produzir tecnologias (consideradas hoje rudimentares), adestrar e criar animais. O que se sabe sobre esses homens pré-históricos ainda é pouco, porém o que se sabe é graças às marcas deixadas nas paredes das cavernas que habitavam.

Milhares de anos depois surgem as grandes populações. Inicialmente, a informação concentra-se nas mãos de poucos: monarcas, parlamentares e religiosos. E por somente alguns deterem o conhecimento, estes detêm e controlam os demais, aqueles que não sabem e tudo que podem fazer é acreditar e aceitar.

Atualmente, vive-se na era da informação. Castells afirma:

Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.

Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. (CASTELLS, 2003, p.7).

Portanto, a sociedade vive hoje numa grande rede. O termo rede pode ter muitas definições, mas pode-se usar a definição de Castells (2003, p.7): "Uma rede é um conjunto de nós interconectados". Castells ainda alerta que:

A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. (CASTELLS, 2003, p.7).

Assim, desde os tempos antigos o ser humano procura viver em rede. Um novo nome para aglomeração, tribo, comunidade ou nação.

Se nos primórdios da humanidade o ser humano é nômade e vagueia até encontrar seu sustento, nos tempos atuais, com o acesso à informação facilitado, o ser humano busca por novas oportunidades de sobrevivência e prosperidade.

Desta forma, a migração está presente em todos os lugares e em todos os tempos. Atualmente, a União Europeia (UE) vive em tensão devido à falta de consenso quanto à gestão do fluxo de imigração. Enquanto parte da população é favorável à imigração por questões humanitárias, outra parte da população reivindica ações que impeçam a imigração. O multiculturalismo é uma face importante da migração e um dos pontos-chave do multiculturalismo é a questão da diferença. Saramago reflete sobre a riqueza do multiculturalismo e reacende a discussão da utopia de um mundo plural, onde as diferenças são respeitadas e servem para enriquecer uma nação.

Portanto, o tema da pesquisa é a migração na visão de José Saramago e tem como objetivo discutir a questão do multiculturalismo.

Metodologia

o importante é o caminho que se fez, a jornada que se andou (SARAMAGO, 2000, p.45)

De modo a tratar o tema proposto, o trabalho, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, vale-se da pesquisa qualitativa em que são consideradas e analisadas publicações relativas à questão da “migração”. Quanto ao objetivo é pesquisa exploratória por buscar proporcionar maior familiaridade com o tema, com vistas a torná-lo mais explícito. Quanto aos procedimentos técnicos envolve a análise de diversas publicações, especialmente do escritor português José Saramago.

Neste tipo de pesquisa, o pesquisador é o principal instrumento da coleta de dados. Os métodos da pesquisa qualitativa são subjetivos, indutivos, usam teoria fundamentada, empregam instrumentos que produzem informação linguística (como observações), os resultados são reportados em frases, o pesquisador está envolvido e o projeto de pesquisa é adaptado através do processo de pesquisa.

Desenvolvimento

o ser humano é a matéria do meu trabalho, a minha quotidiana obsessão, a íntima preocupação do cidadão que sou e que escreve
(SARAMAGO, 2013, p.36-37).

Saramago, sempre atento ao mundo em que vivia, assume a responsabilidade, como escritor, de alertar os seus leitores para os problemas atuais e busca levá-los à reflexão sobre fatos que acontecem no dia a dia, principalmente no que diz respeito a valores morais e culturais.

O povo português tem como característica a emigração. Desde as descobertas e a colonização, os portugueses sempre buscaram novas terras, seja por necessidade ou por sonho. Segundo o Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, “O fenômeno da emigração, uma constante desde a época dos Descobrimentos, levou à criação de numerosas e prósperas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, que atingem um número hoje estimado em 4,5 milhões de pessoas.”

Saramago discorre sobre a motivação para a emigração do povo português:

O menos que se pode dizer dos portugueses que emigraram é que não se sentiam bem na sua terra: o mais que deve admitir-se, é que a vida nela se lhes tornara insuportável, e a palavra só pode parecer excessiva a quem nada saiba ou não tenha querido saber das condições de existência desse milhão de compatriotas nossos que, legalmente ou ilegalmente, atravessaram a fronteira. Censurá-los pelo que fizeram, seria absurdo: o patriotismo é muito mais fácil quando o ventre

está satisfeito, e se a Pátria (esta ou qualquer outra) tardiamente se lembra ou lhe convém apelar para o emigrante, este tem o direito de perguntar-lhe: “Que fizeste tu por mim, quando eu de ti precisava e para ti trabalhava?” (SARAMAGO, 2014, p.194).

No Brasil, em seguida ao descobrimento do Brasil, em 1500, começaram a aportar na região os primeiros colonos portugueses. Porém, foi só no século XVII que a emigração para o Brasil se tornou significativa, a partir da decadência do comércio na Ásia. No século XVIII, com o desenvolvimento da mineração na economia colonial, chegaram à colônia centenas de milhares de colonos. Após a independência, na primeira metade do século XIX, a emigração portuguesa ficou estagnada e voltou a crescer na segunda metade do século, alcançando seu ápice na primeira metade do século XX. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) chegaram ao Brasil cerca de 1.065.000 de portugueses, entre 1904 e 1959.

No entanto, não foram apenas os portugueses que imigraram para o Brasil, mas também cidadãos de outras nacionalidades. O IBGE registra a entrada de cerca de 4.500.000 imigrantes (especialmente, portugueses, espanhóis, italianos, alemães, sírios, turcos e japoneses) no Brasil, no período de 1884 a 1953. Isso sem contar a população escrava (de origem africana) que em 1864 era de 1.715.000 pessoas.

O website Exame.com fala da quantidade de imigrantes no Brasil:

O Brasil abriga 1.847.274 imigrantes regulares, segundo estatísticas da Polícia Federal atualizadas em março de 2015. Conforme a classificação adotada pela instituição, esse total engloba 1.189.947 “permanentes”; 595.800 “temporários”; 45.404 “provisórios”; 11.230 “fronteiriços”; 4.842 “refugiados”; e 51 “asilados”.

É um grande número, mas que constitui apenas uma pequena parcela do conjunto global de imigrantes. Este alcançou o patamar dos 250 milhões em 2013.

Os imigrantes compõem, no Brasil, somente 0,9% da população. Em destinos tradicionais da imigração, como Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Espanha e França, o percentual é da ordem de dois dígitos.

Porém o número de imigrantes no Brasil está aumentando de forma consistente. E tende a aumentar ainda mais nos próximos anos. (EXAME, 2015).

O cenário que permite a conclusão da Exame.com é:

Três fatores contribuem para isso: o declínio da taxa de crescimento populacional brasileira (que, em conjunturas de expansão econômica, favorece a recepção de trabalhadores estrangeiros); as dificuldades econômicas e crescentes restrições à entrada de estrangeiros nos países desenvolvidos (que está reconfigurando o fluxo migratório em escala mundial, deslocando o eixo da direção Sul-Norte para a direção Sul-Sul); e a crescente presença de empresas brasileiras em outros países (que, no imaginário das populações locais, apresenta o Brasil como um horizonte de possibilidades) (EXAME, 2015).

Pena conclui:

A tendência é que as imigrações atuais no Brasil continuem aumentando, sobretudo de populações advindas de países subdesenvolvidos ou com uma precária situação econômica, além de povos de regiões marcadas por grandes conflitos, com destaque para povos da Palestina.

Nos últimos anos, uma grande leva de haitianos veio para o Brasil, através da Amazônia, em busca de emprego e melhores condições de vida. Durante a Copa do Mundo de 2014, o mesmo processo ocorreu, destacando-se os imigrantes oriundos de Gana, que se deslocaram para o Brasil em função do torneio, mas não retornaram para o seu país de origem. Outros países que se destacaram no envio de imigrantes foram Bangladesh, Senegal, Angola, entre outros.

Da mesma forma que o número de estrangeiros no Brasil vem aumentando, o número de brasileiros no exterior vem diminuindo. Entre 2004 e 2012, a presença de brasileiros fora do país caiu pela metade, de 4 milhões para 2 milhões, com o principal destino de moradia sendo Portugal.

O que se percebe é que as recentes evoluções do Brasil no cenário econômico, além da relativa prosperidade dos países emergentes frente à crise financeira no mundo desenvolvido, vêm contribuindo para que países em desenvolvimento – principalmente os do grupo do BRICS – tornem-se lugares atrativos para as rotas migratórias internacionais (PENA, 2016).

Portanto, não são mais os europeus que chegam ao Brasil. Segundo o G1 (2016):

É a partir da década de 80 que os sul-americanos tomam de vez as primeiras posições no ranking da imigração no país. Portugueses, italianos e espanhóis dão lugar a paraguaios, argentinos e uruguaios. E ainda há bolivianos, chilenos, peruanos e até imigrantes de nacionalidades que até então nunca se destacaram no movimento migratório nacional, como angolanos, mexicanos e haitianos, chegando ao Brasil em busca de novas oportunidades.

E, mais recentemente tem-se:

Em 2015, os haitianos lideraram o ranking de chegada ao país pelo segundo ano consecutivo, de acordo com os dados da Polícia Federal. Foram 14.535 haitianos registrados pela PF. A nacionalidade é a que mais se destaca pelo crescimento nos últimos cinco anos. Em 2011, segundo a PF, apenas 481 haitianos deram entrada no país – ou seja, houve um aumento de mais de 30 vezes.

Os bolivianos também mantiveram a posição de 2014 para 2015: o segundo lugar. Foram 8.407 registros no país no ano passado, o que representa uma queda de 32% em relação aos dados de 2011, quando 12.465 bolivianos entraram no Brasil. Em 2015, eles são seguidos pelos colombianos (7.653), argentinos (6.147), chineses (5.798), portugueses (4.861) paraguaios (4.841) e norte-americanos (4.747). (G1, 2016).

Atualmente, como consequência dos problemas vividos pelo povo da Venezuela, verifica-se a chegada ao Brasil de grande quantidade de venezuelanos.

Deste modo, percebe-se que os seres humanos estão sempre procurando por melhores condições de vida e principalmente, oportunidades de emprego. Castells fala da concentração da população nas áreas metropolitanas, onde novas oportunidades estão disponíveis:

as áreas metropolitanas concentram as atividades geradoras de valor mais alto, tanto na indústria quanto nos serviços, por serem fontes de riqueza, elas fornecem empregos, tanto direta quanto indiretamente. E como nelas o nível de renda é mais alto, essas áreas fornecem maiores oportunidades para o fornecimento de serviços essenciais, como educação e saúde. Além disso, mesmo para aqueles migrantes no nível mais baixo da sociedade urbana, o excesso de oportunidades proporciona melhores chances de sobrevivência, em primeiro lugar, e de promoção de gerações futuras, depois, do que qualquer coisa que poderiam encontrar em áreas rurais cada vez mais marginalizadas e regiões atrasadas. (CASTELLS, 2003, p.186).

De qualquer forma, em qualquer país, a vida de imigrante nunca é fácil! Saramago, sempre crítico, desabafa sobre a situação dos emigrantes portugueses nos diferentes destinos:

Aquele lusíada, a chorar o “triste fado”, é o poeta, mas poderia ser também um emigrante, dos inúmeros que passaram a fronteira a salto, com grande cópia de trabalhos e perigos, e depois se viram carregados de razões de queixas, tanto no Bairro Latino como em outros sítios menos prestigiados de letras, artes e boémia. À emigração, nos tempos idos, não se lhe chamava diáspora, palavra de ressonâncias bíblicas que tem andado a enfeitar com fitas e laços a realidade brutal da fuga de milhões de portugueses de um país – o seu – que os tratava como pessoal de terceira classe, gente na miséria ou à beira dela, boa para o trabalho pesado porque não lhe tinha sido ensinado outro. Com o fim de manter viva a chama do amor pátrio na desamparada alma do emigrante, e também para lhe atiçar a cultura ao crisol do espírito, Portugal, ano após ano, pontualmente despachou para lá quanto conseguiu gerar de notícias de futebol, trinados de guitarra e ranchos folclóricos. A diáspora, humilde e agradecida, pagava o

serviço com alcofas a abarrotar de marcos, cestas a rebentar de florins e cabazes a transbordar de francos. (SARAMAGO, 2011, p.151-152).

É a opinião de um homem militante que viveu a época da ditadura do presidente Salazar e que reflete sobre as dificuldades do migrante que sai de sua terra natal para buscar trabalho e prosperidade e convive com a saudade da vida que deixou para trás.

Recentemente, Portugal, um país com população envelhecida, passou a receber imigrantes. Em 1960, Portugal registrava 20.514 imigrantes residentes. Porém, em 2015, Portugal já registrava 383.759, o que representa cerca de 2,5% de sua população e um alto crescimento em relação a 1960. Desses imigrantes, 80.515 são oriundos do Brasil (PORDATA). Recentemente, como consequência dos problemas políticos no Brasil e das políticas de imigração de Portugal, os brasileiros descobrem Portugal e observa-se uma onda migratória do Brasil para Portugal.

Enquanto isso, alguns países da União Europeia vivem em meio à alta tensão devido à falta de consenso quanto à gestão do fluxo de imigração, especialmente da Turquia, Somália, Eritreia, Afeganistão e Sudão. Redig (2016) afirma que desde a Segunda Guerra Mundial, a Europa não vivia uma onda migratória e consequente crise humanitária tão grande. É um contingente enorme de pessoas oriundas majoritariamente da África e do Oriente Médio, e em menor número da Ásia, solicitando asilo, fugindo de guerras, conflitos, fome, intolerância religiosa, mudanças climáticas intensas, violação de direitos humanos, entre outras realidades insuportáveis.

Percebe-se que enquanto parte da sociedade é favorável à imigração por questões humanitárias, outra parte da sociedade reivindica ações que impeçam a imigração e lutam pela retomada da soberania nacional.

Neste cenário, o Reino Unido promoveu um referendo em 2016, no qual a população optou pela saída do bloco europeu. 72,2% da população compareceu às urnas e a vitória foi apertada: 51,9% dos votantes foram a favor, o que acabou por apresentar um país dividido. Ficou pairando um sentimento de intolerância. Uma questão que não está devidamente resolvida é como ficam os três milhões de cidadãos imigrantes europeus que viviam no Reino Unido à época do referendo.

Saramago discorre sobre as características dos portugueses que migram para outros países, especialmente da Europa:

E também nos parece que a “participação dos portugueses no desenvolvimento dos países em que trabalham” deveria ser vista sob luz menos amável, em particular quanto aos últimos surtos migratórios que nos derramaram pela Europa. Qualquer

trabalho prestado constituirá necessariamente participação num desenvolvimento, mas, assim formulada, essa realidade criará subliminarmente uma imagem de modo algum confirmada pelos factos: o trabalho dos portugueses (da grande massa dos portugueses), nesses países em que se instalaram, é sobretudo braçal, físico, violento, aquilo que, por assim dizer, sobra do quadrante profissional aberto aos cidadãos locais. A nossa participação tem, em grande parte, permita-se-nos a expressão, um certo carácter de marginalidade. E a integração harmoniosa dos nossos emigrantes em terras estranhas é precisamente dificultada pelo diminuto peso social e cultural da sua presença. (SARAMAGO, 2014, p.36-37).

Portanto, Saramago discute o tipo de trabalho que os portugueses têm em outros países.

Segundo Neves (2014), a migração atual vai mudando de perfil e vai se tornando mais complexa:

A maior complexidade resulta da emergência de novos modelos migratórios associados a migrações temporárias e circulares, com retorno ao país de origem e novos ciclos de repetição do processo migratório, alteração do perfil do migrante com crescente envolvimento de pessoas qualificadas e “migração de oportunidade” associada à concretização de investimentos. Estes modelos contrastam e coexistem com o modelo tradicional de migração permanente para um país de destino, essencialmente de mão-de-obra não qualificada marcada por uma lógica de “migração de necessidade”. Acresce que a dicotomia tradicional entre países emissores e países receptores de migrações esbateu-se e atualmente a maioria dos países são simultaneamente de emigração e de imigração, enquanto outros funcionam como zonas de trânsito nos principais corredores migratórios globais.

Esta é a realidade que se verifica em vários países, inclusive em Portugal. Enquanto os portugueses buscam emprego e melhores condições de vida em países da Europa, os brasileiros chegam a Portugal, fugindo, principalmente, da falta de expectativa de tempos melhores no cenário político brasileiro.

Assim como os portugueses, outros cidadãos europeus migraram para o Reino

Unido. O número de europeus que trabalham no Reino Unido dobrou em uma década, alcançando o total de três milhões de imigrantes. Em 2015, cerca de 200 mil imigrantes europeus chegaram ao Reino Unido. E, ainda, acrescenta-se a esse movimento a crise dos refugiados do Oriente Médio e da África. Saramago relata a fuga de seres humanos em busca de melhores condições de vida na Europa:

Escrevo isto num dia em que chegaram a Espanha e Itália centenas de homens, mulheres e crianças nas frágeis embarcações que costumam utilizar para alcançar os supostos paraísos de uma Europa rica. À ilha de Hierro, nas Canárias, por exemplo chegou um barco desses, dentro do qual havia uma criança morta, e alguns naufragos declararam que durante a viagem tinham morrido e sido lançados ao mar vinte companheiros de martírio... (SARAMAGO, 2009a, p.111)

É mais do que buscar melhores condições de vida. É a busca pela sobrevivência e pela dignidade humana. É arriscar a vida em busca do mínimo necessário para pode sobreviver.

O desemprego no Reino Unido é pequeno, mas os cidadãos que apoiam o Brexit (*british exit* - saída britânica) se preocupam com a ameaça à cultura e identidade nacionais, além da sobrecarga dos serviços públicos.

Por outro lado, os eleitores que desejavam a permanência do Reino Unido na Europa, vêm na globalização oportunidades e criticam a posição do isolacionismo. Os partidários do bloco apontam que a mão de obra imigrante contribui em termos líquidos com o caixa e a economia do Reino Unido e lembram que 1,3 milhão de britânicos desfrutam das mesmas regras europeias e vivem espalhados em diversos países do bloco, principalmente na Espanha (300 mil), na Irlanda (250 mil) e na França (200 mil). O multiculturalismo é exaltado por esta parte da população britânica. E Saramago realça o valor das diferenças: "Eu reivindico a diferença, mas cada vez nos estamos a tornar mais iguais, no sentido menos bom, menos criativo e menos contestatório, perdendo assim a capacidade de discutir." (SARAMAGO, 2001 apud AGUILERA, 2010, p.447). A diferença é característica do ser humano e saber conviver com as diferenças torna a sociedade mais rica em todos os setores.

Multiculturalismo

O que se sabe que irá acontecer, de uma certa maneira é como se tivesse acontecido já, as expectativas fazem mais do que anular simplesmente as surpresas, embotam as emoções, banalizam-nas, tudo o que se desejava ou temia já havia sido

vivido enquanto se desejou ou temeu (SARAMAGO, 2000, p.260).

O que é o multiculturalismo (ou pluralismo cultural)? É um termo que se refere à coexistência de várias culturas num mesmo território/país. Na atualidade, a globalização pode ser entendida em grande parte como um processo de inúmeras culturas que interagem entre si. No entanto, multiculturalismo não significa o fim das diferenças, mas a valorização das diferenças que enriquecem a cultura de uma nação.

Semprini fala da questão da diferença no multiculturalismo:

Um dos pontos-chave do multiculturalismo é a questão da diferença. Como se pode tratar a diferença? Qual é o seu lugar dentro de um sistema social? A diferença é um fator de enriquecimento ou, ao contrário, um empobrecimento? Um trunfo ou uma ameaça? Para chegarmos a uma resposta, importa relembrar que a diferença não é simplesmente, ou unicamente, um conceito filosófico, uma forma semântica. A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico. Assim, é impossível estudar a diferença desconsiderando-se as mudanças e evoluções que fazem dessa idéia uma realidade dinâmica. Constatada em determinado momento e sociedade, qualquer diferença é, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição transitória. Resultado, se consideramos o passado e privilegiamos o processo que resultou em diferença. Mas ela é, igualmente, um estado transitório, se privilegiamos a continuidade da dinâmica, que vai necessariamente alterar este estado no sentido de uma configuração posterior. (SEMPRINI, 1999, p.11).

E chama a atenção para o reconhecimento das diferentes identidades, em especial daquelas que são resultado de processos de imigração:

Pode-se igualmente afirmar que ele [multiculturalismo] lança a problemática do lugar e dos direitos das minorias em relação a maioria. Poderíamos finalmente argumentar que ele discute o problema da identidade e seu reconhecimento.

Estas três áreas de problemas se entrecortam, sem se sobrepor umas às outras. Para que possamos delinear seus limites, é preciso fazer a distinção entre uma interpretação política e outra, culturalista, do multiculturalismo. No primeiro caso, a análise limita-se basicamente às reivindicações das minorias com o objetivo de conquistar direitos sociais e/ou políticos específicos dentro de um Estado nacional. [...] Os grupos étnicos [...] são resultado de um processo de imigração e constituem comunidades mais ou menos homogêneas, com base em critérios geográficos, étnicos ou religiosos. (SEMPRINI, 1999, p.43-44).

Para Redig (2016) “A globalização gerou um importante deslocamento de população ao mesmo tempo que os Estados-nações estavam em profunda crise.” Assim, a diversidade cultural ganhou importância nas discussões e políticas. Redig (2016) cita Hugo Rogelio Suppo para discorrer sobre as políticas multiculturais: “Para Suppo, os modelos de políticas multiculturais que foram implementadas para garantir a diversidade fracassaram, ou estão fracassando na maioria dos países, num contexto de profunda crise econômica e política.” (REDIG, 2016).

Suppo elenca os possíveis modelos de política multicultural: conservador, liberal, pluralista e cosmopolita. Segundo ele, os conservadores consideram a ideia multiculturalista da “diversidade dentro da unidade” uma falácia e propõem a assimilação para que as minorias sejam absorvidas pela comunidade receptora, desenvolvendo um Estado-nação homogêneo. Já no modelo liberal se defende a tolerância e a autonomia individual, ou seja, a identidade cultural é dissociada da cidadania e, portanto, a tarefa prioritária do Estado é a inclusão e não a diversidade. Neste modelo, pode ocorrer a “guetização” da sociedade, em que cada grupo se preocupa com suas tradições e pureza racial ou cultural. Suppo afirma que “Atualmente esse processo está acentuado pela revolução das comunicações, que permite que as diásporas mantenham, via internet, estreito contato entre elas e com o grupo original.” (SUPPO apud REDIG, 2016). Redig (2016) explica que “Enquanto no modelo cosmopolita a palavra-chave é o hibridismo, pois celebra ao mesmo tempo a diversidade cultural e a política identitária, mas as consideram transitórias e instáveis, o pluralista privilegia a diversidade em detrimento da unidade.”.

Nesse sentido, Saramago reflete sobre a riqueza do multiculturalismo no Brasil, proveniente da imigração, divulgada na obra de Jorge Amado, que retoma a discussão da utopia de um mundo plural, onde as diferenças são respeitadas e servem para enriquecer uma nação.

a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural, da sociedade brasileira. [...] Não ignorávamos a emigração portuguesa histórica nem, em diferente escala e em épocas diferentes, a alemã e a italiana, mas foi Jorge Amado quem veio pôr-nos diante dos olhos o pouco que sabíamos sobre a matéria. O leque étnico que refrescava a terra brasileira era muito mais rico e diversificado do que as percepções europeias, sempre contaminadas pelos hábitos selectivos do colonialismo, pretendiam dar a entender: afinal, havia também que contar com a multidão de turcos, sírios, libaneses e *tutti quanti* que, a partir do século XIX e durante o século XX, praticamente até os tempos actuais, tinham deixado os seus países de origem para entregar-se, em corpo e alma, às seduções, mas também aos perigos, do eldorado brasileiro (2009a, p.61-62).

Da mesma forma, Semprini alerta sobre a aceitação das diferenças:

A experiência da diferença gera tensões e resistências que podem ser analisadas sob uma perspectiva exclusivamente sociopolítica, como sendo conflitos pela redistribuição do poder, recursos econômicos, meios de produção, controle social. Mas o multiculturalismo coloca questões mais fundamentais, relativas à capacidade de um sistema social integrar uma diferença autêntica, que não seja comandada “por cima”, nem “pasteurizada” para se tornar digerível. Os principais modelos de espaço social multicultural parecem ter uma dificuldade intrínseca de integralizar a diferença. (1999, p.171).

E fala do impacto de comunicação de massa, propiciado pelas novas tecnologias, permitindo acesso livre a todo tipo de informação:

Desde os anos 60, os veículos de comunicação de massa, e principalmente a televisão, têm disponibilizado uma enorme quantidade de informações sobre a vida, valores, estilos de vida de grupos que ignoravam tudo ou quase tudo a respeito de outros grupos. Se esta circulação de informação não homogeneizou as diferenças, ela pelo menos garantiu sua notoriedade e conscientizou-se de sua existência. [...] Uma das

causas dos conflitos multiculturais está na circulação social mais livre e no incremento da comunicação entre grupos, indivíduos e sistema de valores que haviam se desenvolvido independentemente até uma época recente. Uma quantidade maior de comunicação não significa necessariamente melhor comunicação, nem solução de conflitos. Ao contrário, um estado de comunicação incrementado pode emergir um conflito latente ou simplesmente gerar o conflito (SEMPRINI, 1999, p.123-125).

Assim, como resultado, conflitos podem surgir. Saramago reflete sobre a solução de conflitos:

Temo-nos habituado à ideia de que a cultura é uma espécie de panaceia universal e de que os intercâmbios culturais são o melhor caminho para a solução dos conflitos. Sou menos otimista. Creio que só uma manifesta e activa vontade de paz poderia abrir a porta a esse fluxo cultural multidireccional, sem ânimo de domínio de qualquer das suas partes. Essa vontade talvez exista por aí, mas não os meios para a concretizar (SARAMAGO, 2009b, p.217).

A paz proposta por Saramago deveria ter seus alicerces construídos na aceitação do outro. Saramago discorre sobre a tolerância e seu antônimo, a intolerância:

essa detestada palavra que se escreve com as letras de “intolerância”, sombra dos nossos dias, pesadelo das nossas noites, assombração regressada ao mundo quando, ingênuos ou estúpidos, a julgávamos banida dele para sempre, tornada, quando muito, exclusiva das relações entre cães e gatos, os quais, como sabemos, não se podem nem cheirar uns aos outros. Assim lançada fora a maldita, expulsa por uma vez dos dicionários, ficaríamos a viver na boa paz da sua contrária, a humanitária e doce “tolerância”, tantas vezes cantada e louvada, pretexto para discursos de parlamento e arengas de comício, conselho de pais bem formados à prole esperançosa, guia imaculada de moralistas, estrela e farol de editorialistas e filósofos.

[...] Quantas pessoas hoje intolerantes foram tolerantes ainda ontem? Tolerar (ensina o infalível Morais) é “suportar com indulgência; suportar. Permitir tacitamente (o que é censurável, perigoso, merecedor de castigo, etc.) Permitir por lei (cultos diferentes dos da religião considerada como do Estado). Admitir, permitir. Suportar, assimilar, digerir”. Boa abonação da última acepção, digo eu, seria, por exemplo, a seguinte frase: “O meu estômago não tolera o leite”, o que extrapolando, significa que o tolerante poderia alegar que o seu estômago, na realidade, não suporta negros nem judeus, nem ninguém dessa raça universal a que chamamos imigrantes, mas que, tendo em conta certos deveres, certas regras, e não raramente certas necessidades muito materiais e práticas, está disposto a permiti-los, a suportá-los com indulgência, provisoriamente, até o dia em que a paciência se esgote ou as vantagens proporcionadas pela imigração venham a sofrer diminuição sensível. (SARAMAGO, 2011, p.36-39).

Em geral, é o que se percebe. Enquanto a imigração é favorável ao país, os estrangeiros são aceitos (ou são tolerados), mas quando os imigrantes começam a usufruir dos direitos dos cidadãos natos toma lugar a intolerância.

Tolerantes somos, tolerantes iremos continuar a ser. Mas só até ao dia que tê-lo sido nos venha a parecer tão contrário à humanidade como hoje nos parece a intolerância. Quando esse dia chegar – se chegar alguma vez -, começaremos a ser, enfim, humanos entre humanos (SARAMAGO, 2011, p.36-40).

Desta forma, Saramago leva o leitor a refletir sobre a igualdade. Não há que ser tolerante (aparente benevolência), mas ser igualitário aceitando cada ser humano com respeito e igualdade. E ele questiona: “Que temos feito do nosso sentido crítico, da nossa existência ética, da nossa dignidade de seres pensantes?” (SARAMAGO, 2013, p.40). Torna-se urgente pensar e ir mais além, refletir.

A Caverna

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem

responsabilidade talvez não mereçamos existir (SARAMAGO, 1999a, p.63).

Acompanhando o processo de globalização da sociedade, Saramago escreve o romance *A caverna*, no ano 2000. O romance é uma metáfora da vida em que todos os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. O próprio Saramago fala do romance:

Um dia, à entrada de Lisboa, aonde regressava vindo do Norte, vi, ao lado da estrada, um grande cartaz que anunciava a próxima abertura de um novo centro comercial. Imediatamente, a imaginação desenhou na minha mente uma escavação profunda, da qual se levantava um edifício de dimensões enormes, de muros potentes, como uma fortificação gigantesca. Acabava de nascer *A Caverna*, que é a visão de um mundo possível, onde os seres humanos quererão habitar no interior dos mesmos espaços comerciais que lhes vendem o que necessitam ou creem necessitar. É uma metáfora da vida nos países desenvolvidos ou que, não o sendo, se enganam a si mesmos em virtude de uma prosperidade apenas aparente, e é também uma alegoria: *A Caverna* retoma o mito platónico e por isso a epígrafe que abre o livro diz, “Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros, São iguais a nós”. O que *A Caverna* faz é perguntar ao leitor: “Seremos nós como os prisioneiros da Caverna de Platão que acreditavam que as sombras que se moviam na parede eram a realidade? Estaremos vivendo num mundo de ilusões? Que temos feito do nosso sentido crítico, da nossa exigência ética, da nossa dignidade de seres pensantes?” Que cada um dê a sua resposta, eu fiz o suficiente confrontando os valores da chamada sociedade ocidental, que nos guiavam até há pouco tempo, ou assim se alegava, com estes valores de agora, que não sei aonde nos levam (SARAMAGO, 2013, p.40).

Aguilera também discorre sobre o pensar de Saramago ao escrever *A caverna*:

E dispôs uma fábula em torno de um centro comercial delineado como o coração simbólico de um sistema cruel que devora modos de produção personalizados enquanto fabrica

excluídos. Segundo o seu critério, *A Caverna* retratava-nos como prisioneiros do mercado, ao mesmo tempo que sublinhava “o medo”, a insegurança, como mecanismo de controlo social nas mãos do capitalismo global, instrumentalizado para paralisar e inibir os cidadãos afastando-os da cultura da reivindicação, das práticas ativas da discórdia (AGUILERA, 2013, p.50).

Assim, Saramago leva os leitores à realidade de uma caverna moderna, um lugar sem correntes, mas onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado... Um mundo onde não há espaço para as diferenças. Uma realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia e nas multinacionais, os novos donos do mundo. Assim, o mais descartável que existe na atualidade é o ser humano.

O problema que se coloca é: que tipo de vida queremos? O único lugar público seguro que existe é o centro comercial, como antes era o parque, a rua, a praça. [...] O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço de formação da mentalidade humana. Os centros comerciais são um símbolo. Não tenho nada contra eles, o que estou é contra uma forma de ser, de um espírito quase autista de consumidores obcecados pela posse de coisas. (SARAMAGO, 2001, apud AGUILERA, 2010, p.487-488).

A família de oleiros se recusa a aceitar a realidade do centro comercial. Assim, renasce a esperança focada em casos isolados e não como reação/movimento da sociedade, ressaltando o pessimismo do autor que está descrente da humanidade, mas que diz “[...] escolheram o que acharam necessário para uma viagem que não tem destino conhecido e que não se sabe como nem onde terminará.” (SARAMAGO, 2000, p. 348). Assim, no romance *A caverna*, a família de oleiros se rebela contra a vida presente, representada pelo centro comercial, e vai em busca de um futuro longe da caverna: é a liberdade, a busca de outra vida, a vida de migrante. E, Saramago lembra a seus leitores que “Reflito e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço.” (2013, p. 35).

Conclusão

Sempre chegamos ao sítio onde nos esperam.
José Saramago, *A viagem do elefante*

Esta é a frase que Saramago usa para iniciar o romance que relata a viagem que o elefante Salomão faz de Lisboa a Viena. Salomão já havia vindo de Goa para Portugal. Portanto, um elefante migrante que passa por diferentes lugares até chegar a Viena, onde acaba por morrer. *A viagem do elefante* é um romance no qual Saramago, sempre irônico, faz considerações sobre a natureza humana. E, portanto, o destino do elefante Salomão é o mesmo destino final de todo ser humano – a morte. É onde se chega, pois é onde se é esperado. A vida é viagem, que pode ser apenas num país ou em alguns. Mas, o destino é conhecido.

O português Saramago também sai de Portugal e chega à Lanzarote onde é bem recebido. Portanto, Saramago era também um migrante. Ele se denominava “português de Lanzarote” (1999a, p. 17).

Em 1991, Saramago publica *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Em 1992, o governo português veta a candidatura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu. Este fato faz com que Saramago fique entristecido e magoado com seu país de nascimento. Ele diz: “O pior de tudo, porém, foi aquele dia em que me defrontei com uma fria, gratuita e des piedada indiferença, vinda precisamente de quem tinha o dever absoluto de oferecer-me a mão estendida.” (2011, p. 94) e conclui: “Uma vez que todas as portas me eram fechadas, não me restava outra solução que abrir uma porta nova, uma porta por onde teria de entrar sozinho.” (2011, p. 95). Assim, ele descreve o caminhar de qualquer cidadão que se sente abandonado ou esquecido por seu país e resolve migrar. E, assim, Saramago migra para a ilha de Lanzarote, nas Ilhas Canárias, e afirma:

Diz o ditado que ninguém é profeta na sua terra, o que afinal de contas, talvez não seja sempre verdade. Toda a gente sabe que Lanzarote não é a minha terra, e eu nunca consentirei que se esqueça que o meu lugar de origem, o autêntico, o natural, o de raiz, flor e fruto, é a Azinhaga, com tudo o que, de norte a sul e de este a oeste, chamado Portugal, a rodeia. Mas é em Lanzarote que vivo agora, e com estatuto de residente comunitário, o que faz de mim um lanzaroteno mais, sujeito aos mesmos casos e acasos dos que nasceram cá. (2012, p. 95-96).

Saramago manifesta seu sentimento de migrante: “Sendo eu um português de Azinhaga, casado com uma andaluza de Sevilha e vivendo nas Canárias, senti-me um pouco da raça ambulante, a raça daqueles que nasceram para andar com as raízes às costas e levam a vida à procura de um novo chão. (2011, p. 33).

Em sua grande maioria, os migrantes buscam grandes centros, pois como já foi dito as oportunidades de sobrevivência são maiores. Castells previa o movimento de migração para os grandes centros urbanos:

Ao que tudo indica, o século XXI verá um planeta amplamente urbanizado, com a população cada vez mais concentrada em imensas regiões metropolitanas – ficando a maior parte da massa de terra do planeta esparsamente habitada. [...] O planeta inteiro está sendo reorganizado em torno de gigantescos nós metropolitanos que absorvem uma proporção crescente da população urbana, ela própria a maioria de toda a população da Terra. (2003, p.185).

Nas grandes urbes, a questão do multiculturalismo é amplificada e Saramago alerta que:

O que desejaria, sim, é que se reconhecesse que, em definitivo, não existem culturas grandes ou pequenas, que todas elas respondem ou intentam responder à dimensão sensível e inteligente do ser humano, e por aí necessariamente se igualam. Não é uma questão de dinheiro ou de poder, mas de saber e de sentir. (SARAMAGO, 2011, p.116-117).

E, portanto, torna-se necessário aceitar as diferenças e aprender a conviver com os diferentes. “É inquietante perceber como a intolerância e a xenofobia têm sido capazes de impregnar, sem nos darmos conta, fora do viver quotidiano, o tecido social e cultural de um país.” (SARAMAGO, 2012, p.26). No entanto, é importante manter a memória do país. “Um povo que vai perdendo a sua memória própria, está morto e ainda não o sabe, e mais morto ainda se se prepara para adoptar, como suas, memórias que lhe são estranhas, tornando-as em estagnado, e também ele mortal, presente.” (SARAMAGO, 1999b, p.166). A memória, a história, a cultura são os pilares de qualquer sociedade e, portanto, devem ser preservadas.

Saramago ainda reflete sobre o sentimento da bondade, confrontando-o com a justiça e a caridade:

Assim como a bondade não tem por que se envergonhar de ser bondade, também a justiça não deverá esquecer-se de que é, acima de tudo, restituição, restituição de direitos. Todos eles, começando pelo direito elementar de viver dignamente. Se a mim me mandassem dispor por ordem de precedência a caridade, a justiça e a bondade, daria o primeiro lugar à bondade, o segundo à justiça e o terceiro à caridade. Porque a

bondade, por si só, já dispensa a justiça e a caridade, porque a justiça justa já contem em si caridade suficiente. A caridade é o que resta quando não há bondade nem justiça. (SARAMAGO, 2009a, p.105-106)

Assim, Saramago procura encaminhar seus leitores para a reflexão sobre o ser humano e suas atitudes e conclui que “[...] ainda nos falta muito caminho para chegar a ser autenticamente humanos e que não creio que seja boa a direção em que vamos.” (2012, p.234).

Recentemente, o jornalista Guga Chacra afirma no jornal brasileiro *O Globo*:

Imigrantes passaram a ser vistos como um problema em vez de solução. É um equívoco. Imigração pode ajudar economicamente nações e pessoas ao redor do mundo. O ideal seria os países ricos abrirem suas portas, em vez de se fecharem, como parece ser a tendência nos tempos de Trump e Brexit. O PIB global cresceria e menos pessoas viveriam na pobreza e em meio a guerras.

E explica:

Conforme a revista “The Economist” demonstrou em reportagem na última semana, citando estudos de economistas, o planeta seria US\$ 78 trilhões mais rico caso houvesse total liberdade de movimento de pessoas. O exemplo simples usado pela publicação liberal britânica é de um nigeriano que venha viver nos EUA — sua renda aumentará cerca de 1.000% e ele não correria risco de ser morto pelo Boko Haram. E os EUA também se beneficiariam. Estudo da Moody’s Analytics publicado na Pro-Publica demonstra que, se os EUA recebessem dez milhões de imigrantes por ano, o PIB americano dobraria até 2030, com uma média anual de crescimento de 4,5%.

Neste contexto, basta refletir sobre a povoamento do mundo desde as mais longínquas datas. A civilização de hoje é o reflexo de migrações presentes e passadas. Cidades mais globalizadas, como Nova York e Londres, são resultado de alto índice de imigração. Como conclusão pode-se afirmar, com Saramago: “[...] nosso futuro não está nas estrelas, mas sempre e somente na terra em que assentamos os pés” (2009b, p. 174). E essa terra pode não ser aquela na qual se nasceu.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago nas suas palavras*. 2 ed. Portugal: Caminho, 2010.
- AGUILERA, Fernando Gómez. "A Estátua e a Pedra: o autor diante do reflexo da sua obra". In: SARAMAGO, José. *A estátua e a pedra*. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago, 2013.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2003.
- CHACRA, Guga. "Em defesa da imigração". Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/em-defesa-da-imigracao-21609723>>. Acesso em 20 jul. 2017.
- Exame. "O panorama da imigração no Brasil". 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/o-panorama-da-imigracao-no-brasil>>. Acesso em 18 ago. 2016.
- G1. "Em 10 anos, número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, diz PF". Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- IMIGRAÇÃO POR NACIONALIDADE. IBGE. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959.html>>. Acesso em: 18 ago. 2012.
- BRASIL 500 ANOS. IBGE. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1945-1959.html>>. Acesso em: 18 ago. 2012.
- NEVES, Miguel Santos. "Migrações internacionais, violência e direitos humanos". Disponível em: <http://janusonline.pt/images/anuario2014/3.12_MiguelSNeves_Migracoes.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.
- PENA, Rodolfo F. Alves. "Imigrações atuais no Brasil". *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/geografia/imigracoes-atauais-no-brasil.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- POPULAÇÃO DE PORTUGAL. Consulado Geral de Portugal Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.consuladoportugalrj.org.br/portugal/populacao/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- PORDATA. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Popula%a7%a3o+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- REDIG, Ana. "Crise migratória e identidade cultural". *Rumos*. Rio de Janeiro: ABDE, Jul-ago. 2016.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*: Diário II. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1999a.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*: Diário III. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1999b.
- SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2000.
- SARAMAGO, José. *A viagem do elefante*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2008.
- SARAMAGO, José. *O Caderno*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2009a.
- SARAMAGO, José. *O Caderno 2*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2009b.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote: Diário IV*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 2012.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote: Diário V*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

SARAMAGO, José. *A estátua e a pedra*. Lisboa, Portugal: Fundação José Saramago, 2013.

SARAMAGO, José. *Os Apontamentos*. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2014.

SARAMAGO, José. *Folhas políticas*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2015.